



## **VAE SOLIS: CULTURA POLÍTICA E A TRAJETÓRIA DE RACHEL DE QUEIROZ (1927-1964)**

Natália de Santanna Guerellus<sup>1</sup>

Alguns estudos voltados para o golpe militar de 1964 no Brasil tenderam a privilegiar a ação conspiratória de uma direita golpista encarnada em alguns atores específicos, como o complexo IPES/IBAD e grupos militares mais conservadores<sup>2</sup>. Outros pensaram também o papel dos civis e das classes populares nas decisões políticas, de onde privilegiaram o estudo dos partidos políticos ao longo de todo o período democrático, de 1945 até o golpe<sup>3</sup>. Ambos tentaram entender a dinâmica de uma sociedade que, ao viver pela primeira vez a experiência democrática, acabou por apoiar um regime de excessão.

Aliado a isto, olhar para a imprensa pode ser uma ótima forma de compreender não só o processo político dos anos 60 como também muito da sua cultura política. Neste sentido vale à pena exercitar a “contra profecia”, evitar pensar o golpe militar como inevitável ou como se fosse desde sempre previsto por uma elite conspiradora, e desta forma pesquisar não só as publicações da imprensa dos anos próximos ao golpe militar mas também o seu desenvolvimento ao longo de toda a experiência democrática brasileira, percebendo no conjunto os argumentos de problematização da política neste período.

Cultura política, como pensamos aqui, é um termo que vem sendo criticado e reformulado desde pelo menos a década de 1960 por sociólogos, antropólogos e historiadores, adquirindo hoje uma dimensão bem ampla. Passou-se então ao interesse cada vez maior por pequenos contextos e fenômenos mais particulares, recusando o estudo da cultura política somente como sistemas simbólicos ou funcionais, ampliando-se para o estudo das lógicas de ação e de situação, estruturas de temporalidade, estruturas de interação e de pertinência. Outros referentes analíticos em seu mapeamento são as idéias de universos políticos, usos pragmáticos e estratégicos das culturas políticas e sua semântica, gramática da autoridade e do consentimento, a economia psíquica,

---

<sup>1</sup> Mestranda da Universidade Federal Fluminense. Bolsista Cnpq.

<sup>2</sup> DREIFUSS, R. **1964: A conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1981; STARLING, H. **Os senhores as gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964**. Petrópolis: Vozes, 1986. (1ª. Ed. de 1981).

<sup>3</sup> BENEVIDES, M. **A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981; HIPPOLITO, L. **De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985; D'ARAÚJO, M. **Sindicatos, carisma e poder: o PTB de 1945-65**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. Ver também uma análise comparativa entre IPES/IBAD, Militares e UDN em MENDES, R. **Visões das direitas no Brasil (1961-1965)**. Tese de doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, fev.2003. 288p.



afetividades e sensibilidades, ritos, mitos, as relações com a memória, processos de invenção e imaginação de tradições e comunidades<sup>4</sup>.

Nosso trabalho é muito específico neste sentido. Pretendemos contextualizar o percurso de uma escritora e sua coluna específica, publicada entre 1945 e 1964 tendo como objetivo principal fazer uma introdução ao tema, uma vez que não temos espaço suficiente para desenvolvê-lo.

A revista é clássica nos estudos sobre moda, humorismo ou desenvolvimento da imprensa pelas inovações técnicas e pelas variedades de seus artigos. *O Cruzeiro* apareceu como uma revista renovadora já em seu primeiro número. Conta Accioly Netto, diretor do periódico durante muito tempo, que ela foi a primeira a utilizar, em 1928, uma técnica de propaganda que ficaria famosa no Rio de Janeiro: a chuva de papel picado caindo como neve sobre a avenida Rio Branco em pleno verão carioca, com os dizeres: “compre amanhã *O Cruzeiro*, em todas as bancas, a revista contemporânea dos arranha-céus”. Sua intenção a princípio foi tornar-se uma revista semanal ilustrada dentro do conjunto de veículos pertencentes a Assis Chateaubriand. Com suas fotos coloridas e papel couche de primeira classe, a revista era luxuosa também por contar com colaboradores do porte de Menotti del Pichia, Manuel Bandeira, Mário de Andrade e também reproduções de Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Ismael Nery.

Nos anos 1940 *O Cruzeiro* caminhava de vento em popa, depois de percalços, alcançando seu ápice de vendas entre as décadas de 50 e 60, chegando à marca de 700.000 exemplares em todo território nacional e internacional. É justamente na época de auge da revista que uma colaboradora conhecida no meio literário fluminense e também no norte do país foi convidada a assumir coluna exclusiva, que seria responsável por uma divulgação ainda maior de seu nome e de seus escritos.

Rachel de Queiroz<sup>5</sup> contava com trinta e cinco anos quando foi contratada pelo *O Cruzeiro*, apesar de já ser colaboradora de outros periódicos do Diários Associados, parte do império midiático de Assis Chateaubriand. Com quatro romances e uma coletânea de crônicas publicada por uma das maiores editoras do Rio de Janeiro, Rachel era considerada fenômeno literário nos anos 1940, vinculada ao grupo de escritores nordestinos que fez sucesso na década anterior.

Rachel de Queiroz foi uma das poucas mulheres da primeira metade do século XX a ter relativa autonomia na imprensa - espaço público por excelência - e a adquirir prestígio nas letras nacionais. No *O Cruzeiro*, a escritora cearense propôs escrever a coluna final da revista, chamada

<sup>4</sup> DUTRA, E. História e culturas políticas. In: **Vária História**. no. 28. dez. 2002. p. 20.

<sup>5</sup> A escritora nasceu em 17 de novembro de 1910 em Fortaleza, Ceará. Filha do advogado, professor e dono de terras Daniel de Queiroz e de Clotilde Franklin, teve a oportunidade de morar em diferentes estados do Brasil ainda na infância, mas o sertão sempre constituiu sua paixão. Seus primeiros romances foram *O Quinze* (1930), *João Miguel* (1932), *Caminho de Pedras* (1937) e *As Três Marias* (1939).



de *Última Página*. Segundo a própria autora, o artigo nesta disposição valorizaria as derradeiras propagandas e, além do mais, a “última página é tão fácil de achar quanto a primeira”<sup>6</sup>.

Até os anos 1960, a marca da revista semanal foram suas fotos de beldades vindas dos Estados Unidos, coloridas e muito maquiadas num estilo de revista bem americano. As seções variaram em cerca de 11 (artigos, reportagem, humorismo, cinema, variedades, romances, política, seções, figurinos e modelos, sociais, assuntos femininos), sendo que as colaboradoras mulheres (sem contar as eventuais traduções de romances e contos de autoras estrangeiras) eram em grande número porque alternavam-se bastante, mas ocupavam apenas quatro seções no máximo, sendo fixas apenas as colaboradoras de “assuntos femininos”, “artigos” e “etiqueta”. A partir dos anos 50, no entanto, seu número diminui ainda mais permanecendo exclusivas apenas Rachel de Queiroz com a coluna *Última Página* e Helena Sangiardi e Elza Marzullo na seção *Assuntos Femininos*.

Apesar de vir logo depois dos *Assuntos Femininos*, a coluna de Rachel situava-se no índice como parte dos *Artigos* da revista. Assim escreve a autora cearense em sua crônica de número 1:

Tanto neste nosso jogo de ler e escrever, leitor amigo, como em qualquer outro jogo, o melhor é sempre obedecer às regras. Começemos portanto obedecendo às da cortesia, que são as primeiras, e nos apresentemos um ao outro. Imagine que pretendendo ser permanente a página que hoje se inaugura, nem eu nem você, — os responsáveis por ela, — nos conhecermos direito. É que os diretores de revista, quando organizam as suas seções, fazem como os chefes de casa real arrumando os casamentos dinásticos: tratam noivado e celebram matrimônio à revelia dos interessados, que só se vão defrontar cara a cara na hora decisiva do “enfim sós”. (Crônica nº1.01.12.1945)

Aqui já se estabelecem características que serão cumpridas (tanto pela autora como pelo leitor) ao longo dos trinta anos consecutivos em que a coluna existiu: linguagem cotidiana, cumplicidade com o leitor, promessa de honestidade e o trato de não falar em política:

Dizem-me, também que você costuma dar sua preferência a gravuras com garotas bonitas e contos de amor, a coisas leves e sentimentais. Como, então, se isso não é mentira, conseguirei atrair o seu interesse? Pouco sei falar em coisas delicadas, em coisas amáveis. Sou uma mulher rústica, muito apegada à terra, muito perto dos bichos, dos negros, dos caboclos, das coisas elementares do chão e do céu. Se você entender de sociologia, dirá que sou uma mulher telúrica; mas não creio que entenda. E assim não resta sequer a compensação de me classificar com uma palavra bem soante. (...)

Assim há de ser conosco, que eu, se não claudico no andar, claudico na gramática e com outras artes exigentes. Mas sou uma senhora amorável, tal como a finada imperatriz, e de alma muito maternal. A política é que às vezes me azeda mas, segundo o trato feito, não discorreremos aqui de política. Em tudo o mais me revelo uma alma lírica, cheia de boa vontade; se sou triste um dia ou outro, não sou mal humorada nunca. (Crônica nº1.01.12.1945)

Tudo se cumpre como o previsto, exceto a tal da política que azeda o temperamento da autora. Esta aparecerá várias vezes e, de fato, quase sempre num tom pessimista e melancólico. Antes, porém, de voltarmos a ele, cumpre ainda destacar mais dois aspectos importantes da configuração da coluna de Rachel de Queiroz no período entre 1945 e 1964:

---

<sup>6</sup> QUEIROZ, R. de. QUEIROZ, M. L. de. **Tantos Anos**. Rio de Janeiro: ARX, 1999. p.213.



Ao longo de toda a década de 1940 até 1958 a *Última Página* foi publicada na vertical ao lado do editorial da revista, acompanhada de uma ilustração à lápis - por vezes colorida - que dava ao texto um aspecto de leveza, simplicidade, romantismo. A partir do final da década de 50 a coluna tornou-se graficamente cada vez mais sóbria, perdendo primeiro a ilustração e em seguida acrescentando em seu lugar uma foto de Rachel sentada à máquina de escrever sorrindo inquisitiva para o público. A imagem parece afirmar a autora como escritora profissional e também como senhora respeitada e séria, características que a cearense vai consolidando ao longo dos anos.

Já com o advento da década de 60 a coluna tornou-se tão sóbria e “pesada” que perdeu ilustração, foto e colorido: passou a ocupar metade da página na diagonal, somente às vezes na vertical, aumentando cada vez mais a fonte do nome da autora e diminuindo o do título da crônica (lembrando que nossa análise aí até 1964). Estas mudanças não são dispensáveis ou inseparáveis de seu contexto. Ao longo do tempo os textos que encontramos foram tratando cada vez mais dos tais temas proibidos da política nacional, cidadania, educação e foram perdendo sua veia mais ficcional, sendo que a partir de finais de 1950 junto com a sobriedade da página, sóbrio se tornou o perfil de seu conteúdo.

Um segundo aspecto a destacar é o caráter da recepção das crônicas rachelianas. Desde pelo menos a década de 1960 pesquisadores da área de literatura vem destacando o papel da recepção de qualquer texto literário como fator fundamental para a elaboração de uma história literária<sup>7</sup>. A crônica escrita em jornal depende fundamentalmente do contato que estabelece com o público, ainda mais tratando-se de uma revista com a tiragem de *O Cruzeiro*. Nesta direção não é à toa que grande parte das crônicas escritas por Rachel fossem respostas a cartas de leitores, incluindo-se nelas questionários “indiscretos” (como nomeia a autora) e mesmo críticas a seus textos e a suas posições políticas. Infelizmente, não temos como abordar aqui essas cartas, mas fica a dica para os curiosos. Estas breves acertivas sobre a dinâmica da revista não são apenas detalhes, mas sugerem aspectos do imaginário criado em torno da coluna e da autora, expressos através de cerca de 700.000 páginas de papel couche publicadas por semana.

Levando em conta as observações de Jean-François Sirinelli acerca do estudo dos intelectuais pela nova história política cabe lembrar alguns aspectos em especial<sup>8</sup>. O primeiro é a dificuldade de estudar este grupo social devido ao contorno vago depositado sobre a categoria intelectual. Talvez, a definição que mais nos traz elementos seja a de Sartre no livro *Em defesa dos intelectuais*, resultado de conferência dos anos 1960. Segundo Sartre, “o conjunto dos intelectuais

<sup>7</sup> Ver LIMA, L. C. (Org.) **A literatura e o leitor: ensaios da Estética da Recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

<sup>8</sup> SIRINELLI, J-F. Os intelectuais. In: REMOND, R. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.



aparece como uma variedade de homens que, tendo adquirido alguma notoriedade por trabalhos que dependem da inteligência (...) abusam desta notoriedade para sair de seu domínio e criticar a sociedade e os poderes estabelecidos em nome de uma concepção global e dogmática (vaga ou precisa, moralista ou marxista) do homem<sup>9</sup>.

Apesar de Rachel de Queiroz não ter desempenhado funções partidárias no período mais específico deste trabalho, suas crônicas confirmam a posição de uma intelectual que contribuiu conscientemente, através da popularidade de sua escrita, com a discussão política. Esta não foi uma característica exclusivamente sua. Ainda seguindo as sugestões de Sirinelli neste sentido<sup>10</sup>, podemos começar nosso tópico com uma discussão sobre a geração intelectual dos anos 1930, geração a qual Rachel de Queiroz esteve entre os mais importantes no meio literário.

### *Modernistas e regionalistas*

Em termos de periodização fica difícil situar o modernismo no Brasil, a não ser por seu marco mais característico, que foi a Semana de Arte Moderna de 1922. No entanto, se considerarmos que desde o começo do século é a literatura, mais que a filosofia e as ciências humanas, o fenômeno central da vida no espírito e nesse sentido pensarmos no modernismo não só como um movimento literário, mas que acaba refletindo um aspecto da cultura brasileira, podemos estabelecer comparações com períodos anteriores e posteriores<sup>11</sup>.

São os modernistas, como Augusto Frederico Schmidt e Mário de Andrade, os primeiros do Centro-Sul a escrever resenhas sobre *O Quinze*, primeiro romance de Rachel de Queiroz<sup>12</sup>. Estas críticas foram responsáveis pelo sucesso da autora nestes círculos intelectuais e avaliaram o livro positivamente devido a uma característica cara aos modernos e aparentemente contraditória vinda de uma mulher: a simplicidade da escrita, clareza e objetividade.

O contato da escritora com os modernistas deu-se a partir da publicação deste primeiro romance, e também quando esteve no Rio de Janeiro em 1931<sup>13</sup> para receber o prêmio Graça

<sup>9</sup> SARTRE, J-P. **Em defesa dos intelectuais**. São paulo: Ática, 1994. p. 15.

<sup>10</sup> SIRINELLI, J-F. *Op cit.* p. 254.

<sup>11</sup> CÂNDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. : estudos de teoria e história literária. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 8 ed., 2000.

<sup>12</sup> A análise da crítica literária referente aos romances de Rachel de Queiroz na década de 1930 são muito interessantes para perceber o argumento de incorporação de uma mulher à literatura canônica. Ver GUERELLUS, N. **Rachel de Queiroz: mulher, escritora, personagem: a crítica literária aos primeiros romances. (1930-1939)**. Publicado nos Anais do XXV Simpósio Nacional de História, julh. 2009.

<sup>13</sup> A influência de Mário de Andrade é destacada por Rachel em suas memórias. Corresponderam-se por cartas desde 1930 mas conheceram-se somente em 1939 quando ambos foram morar no Rio de Janeiro. Segundo Rachel, Mário é o



Aranha junto a Murilo Mendes e Cícero Dias. Desta viagem vários frutos renderiam, entre eles a entrada para o Partido Comunista e o contato com José Auto, poeta que seria seu primeiro marido.

Como forma de pensamento o modernismo não deixa de responder às questões de sua época, marcada pela decepção em relação à República, pela crítica à política oligárquica e pelo clima de revolução eminente<sup>14</sup>. O romance e o conto tornaram-se na década de 1930 um instrumento de pesquisa humana; retrataram a realidade social do país visando expôr alguns problemas enfrentados pela nação.

Segundo Pécaut, o intelectual deste período foi conclamado a participar da vida política, muito pela busca obstinada pelo retrato da nação que acabou por impelí-lo a forjar uma consciência nacional visando sua organização<sup>15</sup>. Quase todos os intelectuais desta época integraram correntes políticas radicais, como alguns movimentos católicos, o integralismo ou movimentos de esquerda.

Quando da publicação do *O Quinze*, em 1930, Rachel de Queiroz com apenas vinte anos, já vivia o clima revolucionário de sua geração. Segundo Pécaut, apesar da origem social diferente entre intelectuais e tenentes, ambos tiveram como semelhança a tentativa de avaliação da unidade nacional, legitimando-se como atores políticos e desvinculados de qualquer instituição específica<sup>16</sup>.

Neste sentido, o socialismo dos romances de Rachel de Queiroz é definido por críticos como um desejo de justiça, baseado numa moral paternalista e cristã, sem se prender à correntes ideológicas específicas<sup>17</sup>. O que observamos na obra da autora é uma preocupação mais voltada para a investigação do ser humano frente às adversidades da natureza ou do destino. Mesmo nas crônicas da década de 1940 fica difícil detectar uma vinculação direta a determinado partido ou ideologia política.

No entanto, precisamos lembrar que Rachel de Queiroz fez parte de movimentos políticos de esquerda nos anos 30. Nesta época, seu contato com os regionalistas tornou-se cada vez mais direto, principalmente ao casar-se com o bancário e poeta José Auto e transitar por várias cidades brasileiras, como Itabuna, Maceió e São Paulo. Em Itabuna Rachel conviveu com Jorge Amado e em Maceió com um círculo regionalista que incluía Graciliano Ramos e José Lins do Rego.

---

grande nome desta geração, o grande guia intelectual. QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. **Tantos Anos**. Editora Siciliano: São Paulo, 1998. p. 125-131.

<sup>14</sup> CÂNDIDO, A. *Op Cit.* p.123.

<sup>15</sup> PÉCAUT. **Intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990. p.25.

<sup>16</sup> PÉCAUT, D. *Op Cit.* p. 32.

<sup>17</sup> ALBUQUERQUE, D. M. de. **A invenção do Nordeste**. São Paulo: Cortez editora, 1999. p. 142; MARTINS, W. **Rachel de Queiroz em perspectiva**. In: Cadernos de Literatura Brasileira: Rachel de Queiroz. Instituto Moreira Salles. Número 4. 1ª reimpressão, jan/2002. p. 77; BUENO, L. **Romance Proletário em Rachel de Queiroz**. In: *Revista Letras* n.47. Curitiba: Editora da UFPR. p. 31.



Por essa época todos estavam envolvidos em movimentos sociais de esquerda, e seus romances eram caracterizados pela denúncia social. Segundo Bueno, a posição do intelectual nesses anos será tratada pela literatura de ficção, constituindo-se num dos grandes temas do romance de 30. “Mas o que interessa por enquanto é o fato de que, metidos até o pescoço no debate ideológico, os intelectuais brasileiros naquele momento viam a literatura pela ótica da luta política e fechavam os olhos para aquilo que não dizia respeito a ela”<sup>18</sup>.

### *Comunistas e trotskistas*

Em 1937 Rachel de Queiroz publicou seu terceiro romance, chamado *Caminho de Pedras*. Tem como enredo a vida de Noemi, mulher casada e funcionária de uma Fotografia em Fortaleza, e Roberto, militante comunista recém chegado na cidade, responsável pela organização de uma célula do Partido. A primeira parte do romance enfatiza a dinâmica organizacional do PCB na capital cearense e, principalmente, o conflito entre os chamados *intelectuais* e a classe operária, sempre desconfiada e reticente. Já a outra metade do livro acaba privilegiando o romance proibido que surge entre os dois personagens, sendo Noemi mãe de família.

*Caminho de pedras* foi um romance polêmico de Rachel de Queiroz, descontentando esquerda e direita, principalmente pela crítica que a autora fez ao Partido Comunista. Luís Bueno defende a idéia de que nesta segunda metade da década de 1930 o tema do romance proletário já não dominava tão fortemente a atenção do meio literário brasileiro. O romance de corte social, que predominara no início da década, já perdera o caráter de quase unanimidade que tivera.

Para Bueno, a recepção ‘fria’ de *Caminho de Pedras* se deveu ao fato do romance ter chegado atrasado, com seu tema proletário. Para a crítica, o livro só interessaria na parte em que se liberta das intenções ideológicas e passa a explorar a subjetividade dos personagens<sup>19</sup>. No entanto, mesmo a parte considerada ‘proletária’ do livro não admite essa classificação, uma vez que a autora critica a posição dos operários, principalmente a desconfiança destes em relação aos intelectuais, pondo à mostra o descompasso entre os dois pólos e a dificuldade de legitimação do intelectual dentro dos movimentos revolucionários de esquerda na época. Portanto, segundo Bueno, além de desagradar a crítica convencional ainda desagradou a esquerda<sup>20</sup>. Independente disso, através deste

<sup>18</sup> BUENO, L. *Op Cit.* p. 172.

<sup>19</sup> BUENO, L. *Op Cit.* 1997. p. 26.

<sup>20</sup> Vale lembrar que a recepção a *Caminho de Pedras* é interessante na medida em que problematiza também a moralidade da autora. Ver GUERELLUS, N. *Op Cit.*



romance Rachel denunciou a mágoa que o PCB causou em sua própria trajetória, quando travou contato com ele em 1931.

Em suas memórias a autora cearense conta que já encontrava-se extremamente politizada e “comunizada” quando da publicação do *O Quinze*, em 1930. Ao ser convidada para receber o prêmio Graça Aranha no Rio em 1931, a única coisa que fez foi associar-se definitivamente ao Partido Comunista e assumir algumas funções na célula em Fortaleza<sup>21</sup>. No entanto, quando da publicação de seu segundo romance, *João Miguel*, de 1932, recebeu ordens do PCB para que o enredo fosse modificado pois, segundo os membros do partido, não transmitia fielmente a doutrina de então. Deste momento em diante estariam rompidas as relações entre a autora e os comunistas.

No entanto a história não é tão simples assim. O próprio PCB passou por sérias mudanças a partir dos anos 30 com a stalinização das diretrizes comunistas, que foram responsáveis, no Brasil, pela destituição de seus principais líderes e fundadores, Otávio Brandão e Astrogildo Pereira. Esta destituição procurou substituir os intelectuais “pequeno-burgueses” por “verdadeiros proletários”<sup>22</sup>.

O ressentimento de alguns intelectuais de esquerda foi, portanto, marcante uma vez que seu anseio pela mudança social via na sua origem de classe um impedimento. Esta é, em parte, a denúncia que vemos em *Caminho de Pedras*. Como alguns daqueles que romperam com o PC nos anos trinta, Rachel integrou os grupos de esquerda trotskistas, que tiveram hegemonia entre a intelectualidade de esquerda quando da reorganização comunista (1930-34)<sup>23</sup>. Junto ao primeiro marido, a autora cearense travou contato em São Paulo com Lívio Xavier, Mário Pedrosa, Aristides Lobo, fundadores do movimento ‘bolchevique-leninista’.

Segundo Castro, os trotskistas tiveram importante contribuição nas análises sobre a história do Brasil e a conjuntura do imediato pós-30. Além disso, exerceram intensa atividade editorial e jornalística de difusão do marxismo e do anti-fascismo; era, portanto, um grupo altamente capacitado teoricamente<sup>24</sup>. Através do contato que Rachel de Queiroz teve com estes movimentos de esquerda da primeira metade do século XX, percebemos de onde vem o rancor que a autora mantém contra a figura de Getúlio Vargas e que servirá de justificativa para quase todas as suas opiniões políticas subsequentes, inclusive o apoio à Revolução de 1964. É característico da

---

<sup>21</sup> QUEIROZ, R. de. & QUEIROZ, M. L. de. *Op Cit.* p.53-55.

<sup>22</sup> AMARAL, R. M. Uma voz destoante no PCB: Otávio Brandão, militante e intelectual. In: REIS, D. A. (Org.) **Intelectuais, história e política**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000. p. 109.

<sup>23</sup> CASTRO, R. F. Os intelectuais trotskistas nos anos 30. In: REIS, D. A. **Intelectuais, história e política**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000. p. 140.

<sup>24</sup> CASTRO, R. F. *Op Cit.* p. 142.



identidade desta geração intelectual – talvez seu único ponto em comum - o anti-fascismo e a luta contra Vargas<sup>25</sup>.

Segundo a escritora cearense, seu rompimento com o trotskismo, enquanto ideal, se deu com a morte de Trotsky em 1940. Mas, em relação aos círculos intelectuais, já em 1934 ela foi afastada do grupo junto com outros intelectuais, segundo Angelo Silva, por discordar do enfrentamento armado contra os integralistas na Praça da Sé, em 7 de outubro do mesmo ano<sup>26</sup>. De toda a experiência política que viveu nos anos 1930, portanto, Rachel de Queiroz conservou, além do antigetulismo e da desconfiança quanto ao comunismo, um forte ideal de ação política, tomando para si a responsabilidade na construção de um país melhor. E, para além do clima político, os anos 30 foram para Rachel também anos de intensa atividade literária e procura por sustento econômico, ainda mais quando da separação de seu primeiro marido e a necessidade de se manter no Rio de Janeiro a partir dos anos 1940.

É, portanto, difícil entender muitas das crônicas políticas rachelianas sem nos determos naquele que foi o período de inserção de Rachel no ambiente literário brasileiro. As décadas de 1920 e 30 foram marcantes na formação dos ideais políticos de toda uma geração de intelectuais que vai estar “na crista da onda” do jornalismo das décadas seguintes, e por suas mãos vão passar palavras como *comunismo, modernidade, democracia, povo, nacionalismo*, etc, interpretadas de mil maneiras diferentes e servindo como justificativas para práticas políticas as mais diversas.

O ano de 1945 começa, então, como um ano de grande esperança na instauração da nova ordem política depois de quase dez anos de Estado Novo. Intelectuais, como Rachel de Queiroz, que se colocaram contra Getúlio e a ditadura pensam agora em questões de democracia e cidadania, pensam no país de maioria analfabeta, nos partidos recém formados, na validade das eleições, na conscientização popular. Conscientes de sua missão, utilizarão o alcance de suas palavras e ações para construir um novo país...guiado por suas mãos.

*Referências bibliográficas não citadas no texto:*

BUENO, L. **Uma história do Romance de 30**. São Paulo: Edusp/Unicamp, 2006.

ELEUTÉRIO, M. de L. **Vidas de Romance**: As mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930). Topbooks: Rio de Janeiro, 2005.

FERREIRA, J. (Org.) **O populismo e sua história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

<sup>25</sup> CASTRO, R. F. *Op Cit.* .137.

<sup>26</sup> SILVA, A. J. **Comunistas e trotskistas: a crítica operária à Revolução de 30**. Curitiba: Moinho do Verbo, 2002. p.120.



GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d.

NETO, A. **O Império de Papel**: os bastidores de O Cruzeiro. Porto Alegre: Editora Sulina, 1998.

QUEIROZ, R. de. Última Página. **Revista O Cruzeiro (1945-1964)**

QUELLER, J. **Entre o mito e a propaganda política**: Jânio Quadros e sua imagem pública (1959-196).

SCHMIDT, Augusto Frederico. Uma revelação – O Quinze. In: **As Novidades Literárias, Artísticas e Científicas** . Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1930, no. 4.